

A LINGUAGEM JORNALÍSTICA NA REPORTAGEM A *BATALHA DE BELO MONTE*, PUBLICADA PELA *FOLHA DE SÃO PAULO*¹

Carlos Borges Junior²

RESUMO: Este trabalho discute aspectos sociais da linguagem jornalística na reportagem *A batalha de Belo Monte*, publicada pelo jornal *Folha de São Paulo*, em dezembro de 2013. A proposta é analisar *discurso e relações de poder assimétricas* construídos pela linguagem do texto jornalístico. O estudo é embasado em aportes teóricos da Análise Crítica do Discurso (ACD) de Norman Fairclough (2008) e Chouliaraki e Fairclough (1999), entre outros, que propõem um olhar crítico para as instituições e práticas sociais, alertando quanto à construção de discursos que reforçam desigualdades na vida social. Sendo o jornalismo (mídia) uma dessas instituições sociais, de caráter público/privado, torna-se relevante identificar o papel que possui na construção de informações, quando linguagem e aspectos sociais são acionados para apresentar à sociedade os impactos (sociais e ambientais) da construção de barragens. A metodologia desta pesquisa se sustenta na combinação da Análise Textualmente Orientada vinculada à Análise Crítica do Discurso.

Palavras-chave: Aspectos sociais. Jornalismo. Discurso. Relações de poder. *A batalha de Belo Monte*.

THE JOURNALISTIC LANGUAGE IN THE ARTICLE *A BATALHA DE BELO MONTE*, PUBLISHED BY *FOLHA DE SÃO PAULO*

ABSTRACT: This paper discusses the social aspects of journalistic language in the article *The Battle of Belo Monte*, published by the newspaper *Folha de São Paulo*, in December 2013. The proposal is to analyze the asymmetrical power of speech and relationships built by the journalistic text language. The study is grounded in theoretical contributions of Critical Discourse Analysis (CDA) of Norman Fairclough (2008) and Chouliaraki and Fairclough (1999), among others, who propose a critical look at the social institutions and practices, warning about the construction of speeches that reinforce inequalities in social life. Considering journalism (media) as one of these social institutions, public/private nature, it is important to identify the role it has in building information when language and social aspects are moved to demonstrate to society the impacts (social and environmental) of construction of dams. The methodology of this research is based on the combination of Verbatim Oriented Analysis linked to Critical Discourse Analysis.

Keywords: Social aspects. Journalism. Speech. Power relations. *A batalha de Belo Monte*.

¹ Uma versão deste trabalho foi apresentada no IV Encontro Internacional Ciências Sociais e Barragens, realizado na cidade de Chapecó-SC, no período de 20 a 23 de setembro de 2016.

² Professor da Universidade Federal do Tocantins - UFT. Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina e Mestre em Jornalismo pela mesma Universidade. Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Pará. Atualmente, é professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins, campus de Araguaína-TO.

INTRODUÇÃO E BASE CONCEITUAL

O aumento na mediação da experiência que a comunicação de massa proporcionou deu à mídia o poder de se constituir como o elemento central de organização do novo capitalismo³. Essa é uma característica importante das mudanças econômicas, sociais e culturais que têm ocorrido e que dá sentido a um novo período de concepções teóricas, atualmente denominado “Modernidade Tardia⁴” ou “Alta Modernidade” (GIDDENS, 2002; CHOULIARAKI, FAIRCLOUGH, 1999). Anthony Giddens se vale dos termos teóricos citados para se referir a “a presente fase de desenvolvimento das instituições modernas, marcada pela radicalização e globalização dos traços básicos da modernidade” (2002, p. 221), caracterizados pela *separação de tempo e espaço*, pelos *mecanismos de desencaixe* e pela *reflexividade institucional* (GIDDENS, 2002, p. 26). O dinamismo que esses traços provocam nos sentidos das experiências possibilita que as distâncias entre acontecimentos sejam minimizadas pela tecnologia, estreitando a relação tempo e espaço, favorecendo a ideia de coparticipação e reconfigurando novos sentidos e concepções acerca das instituições sociais.

A concepção adotada para discussão do termo *novo capitalismo* está orientada a partir dos novos modos contemporâneos de produção, distribuição e consumo de bens. A produção de bens simbólicos de acumulação flexível compõe a base do novo capitalismo, tendo a mídia como seu maior propagador. Sendo entendida também como produtora de bens simbólicos, a mídia opera organizando e reorganizando modos de produção, distribuição e consumo de discursos em massa nas esferas sociais. Os *discursos* são os novos bens e mercadorias flexíveis ao consumo na modernidade tardia. “Eles existem como discursos, bem como processos que estão ocorrendo fora do discurso, e esses processos que estão ocorrendo fora dos discursos são moldados substancialmente por esses discursos⁵” (CHOULIARAKI, FAIRCLOUGH, 1999, p. 4. Tradução nossa).

O discurso, então, assume o lugar central na modernidade tardia. Nesse sentido, propõe-se compreendê-lo como lugar de construção e sedimentação de processos e relações sociais por meio da linguagem. Harvey *apud* Chouliaraki e Fairclough, “propõe uma visão

³ A leitura que se faz de novo capitalismo será associada às mudanças nos modos de produção, distribuição e consumo de bens.

⁴ Para Chouliaraki e Fairclough (1999), a modernidade tardia é entendida como um período de transformações econômicas, culturais e sociais profundas em escala global. Está caracterizada pelas mudanças econômicas em que as unidades de produção estão cada vez mais transnacionais, as transformações culturais sendo referidas como pós-modernas, deslocáveis das determinações de espaço e tempo e, devido aos avanços na tecnologia da informação, que proporciona novas formas de experimentar possibilidades de relacionamento com as outras pessoas, entre outros aspectos.

⁵ “No original: “[...] they exist as *discourses* as well as processes that are taking place outside discourse, and that the processes that are taking place outside discourse are substantively shaped by these discourses” (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999, p. 4).

dialética do processo social em que o discurso é um "momento" entre seis: discurso/linguagem, poder, relações sociais, práticas materiais, instituições/rituais; e crenças/valores/desejos”, que se constituem nas práticas sociais de uso da linguagem⁶” (CHOULIARAKI, FAIRCLOUGH, 1999, p. 6). Em práticas sociais específicas, grupos hegemônicos utilizam os discursos para divulgar suas concepções ideológicas no sentido da manutenção do poder. Eles investem nos discursos, construindo relações que legitimam seus privilégios históricos, acentuam assimetrias, mantêm discursos dominantes etc.

Para Fairclough, no contexto midiático, as relações assimétricas de poder já se dão quando grupos que não detêm acesso aos meios de comunicação na posição de enunciadore, por exemplo, não são representados por tais discursos, sobretudo porque:

os eventos dignos de se tornar notícia se originam de limitado grupo de pessoas que tem o acesso privilegiado à mídia, que são tratados pelos jornalistas como fontes confiáveis, e cujas vozes são aquelas que são mais largamente representadas no discurso da mídia [...] [ou quando] grupos poderosos são representados como se falassem na linguagem que os próprios leitores poderiam ter usado, o que torna muito mais fácil adotar os seus sentidos. Pode-se considerar que a mídia (...) efetiva seu trabalho ideológico de transmitir as vozes do poder em uma forma disfarçada e oculta, [por isso, tal caráter às vezes não é identificado por algumas pessoas] (2008, pp. 143, 44).

Então, para identificar os aspectos sociais da linguagem jornalística na reportagem *A batalha de Belo Monte*, publicada pelo jornal *Folha de São Paulo*, em 16 de dezembro de 2013, este trabalho propõe analisar o discurso produzido, focalizando *relações de poder assimétricas* construídas pelo texto jornalístico. O estudo constrói um olhar crítico sobre as instituições e práticas sociais da linguagem jornalística, alertando quanto à construção de discursos que reforçam desigualdades na vida social. Sendo o jornalismo (mídia) uma dessas instituições sociais, de caráter público, mas financiado com recursos/interesses privados, já que se constitui também como uma empresa jornalística, torna-se absolutamente relevante identificar qual o papel do jornalismo na construção de informações, quando linguagem e aspectos sociais são acionados para apresentar à sociedade os impactos (sociais e ambientais) da construção de barragens.

PERCURSOS METODOLÓGICOS

A metodologia deste trabalho combina a Análise Textualmente Orientada vinculada à Análise Crítica do Discurso, isto é, a Análise do Discurso Textualmente Orientada (ADTO). Essa metodologia corrobora na análise linguística dos fenômenos sociais, relacionando os

⁶ No original: “Harvey (1996) proposes a dialectical view of the social process in which discourse is one ‘moment’ among six discourse/language, power, social relations, material practices, institutions/rituals; and beliefs/values/desires (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999, p. 6).

pensamentos sociais e políticos relevantes para o estudo das mudanças sociais. A ADTO possui base interpretativista e é fundamentada nos estudos de Fairclough (1999), com foco no que o autor destaca quando diz que a linguagem constrói relações de poder assimétricas via discurso. De acordo com Lucas Piter Alves Costa, Fairclough:

operacionaliza na ADTO três dimensões na abordagem do discurso: análise dos textos, análise das práticas discursivas e análise das práticas sociais. Essa operação concebe o discurso em um modelo tridimensional, sendo que a análise de um discurso dentro desse modelo se dá de maneira simultânea nas três dimensões, não havendo uma que deva ser obrigatoriamente priorizada em relação à outra. Também não significa que cada dimensão de análise tem seus limites bem definidos, como, por exemplo, na análise textual e das práticas discursivas em relação à produção e recepção textuais (COSTA, 2012, p. 4).

A reportagem *especial* produzida pela *Folha de São Paulo* está organizada em cinco capítulos: *Obra, Ambiente, Sociedade, Povos Indígenas e História*. Para orientar a análise, serão selecionados dois dispositivos: *discurso* e *relações de poder assimétricas* como critérios temáticos para seleção de dados no texto da reportagem. Em seguida, esses dados (*corpus*) serão confrontados e analisados teoricamente para construção do que Chouliaraki e Fairclough (1999) denominam como *prática teórica*. O *discurso* e as *relações de poder assimétricas* serão observados e identificados nos cinco capítulos que compõem a reportagem, mas em cada capítulo apenas uma subseção será analisada. No Capítulo 1, a primeira subseção; no Capítulo 2, a segunda; e assim sucessivamente, de modo que no Capítulo 5, por possuir apenas cinco seções, seja analisada a quinta subseção, justamente a que encerra a reportagem.

O aspecto social da linguagem jornalística que será analisado no primeiro capítulo consiste i) na construção do discurso de uma obra colossal que deve cumprir prazos para a geração de lucro, independentemente de entraves de naturezas políticas ou sociais. O segundo capítulo constrói o discurso ii) de que os interesses políticos e sociais se sobrepõem aos ambientais; iii) a ênfase a uma sociedade estratificada, vítima do interesse de grupos sociais hegemônicos e de relações de poder assimétricas é o discurso dessa subseção; iv) a imagem do índio como o retrato fatídico da aceitação, invertendo, às vezes, o discurso do oprimido e do opressor comporá a quarta relação identificada, e o quinto ponto corrobora com o v) discurso que alia o direito de decisão a quem detém o poder sobre os bens de produção. Neste ponto do trabalho, antes de iniciar as atividades de análise, convém apresentar uma síntese de cada uma das partes da reportagem, quanto às partes/seções que serão, especificamente, analisadas.

A BATALHA DE BELO MONTE, SÍNTESE DE UMA GRANDE REPORTAGEM

O primeiro capítulo, **Obra**, possui seis tópicos, contudo apenas interessa o que está intitulado *Um projeto de R\$ 30 bilhões*. Essa parte constrói a ideia faraônica de uma obra que deve obrigatoriamente cumprir prazos para gerar lucro, independentemente, dos entraves de naturezas políticas ou sociais. Assim, *Um projeto de R\$ 30 bilhões* dá o tom orçamentário da obra e o início da reportagem narra explosões de blocos de migmatito, escavadeiras recolhendo pedras e caçambas levando-as embora. A construção sendo realizada 24 horas por dia. Informa que a usina produzirá 11.233 megawatts quando estiver em operação máxima, precisamente nos meses de fevereiro a maio, período em que o Xingu atinge sua vazão maior. As turbinas estão sendo instaladas e, em 2013, época da reportagem, fazia-se previsão de funcionamento para fevereiro de 2015.

O segundo capítulo, intitulado, **Ambiente**, possui cinco temas, sendo analisada a seção *Catarata de problemas*, que consolida o discurso de que os interesses políticos e sociais se sobrepõem aos ambientais. Em *Catarata de problemas* expõe-se os impactos da obra. Tematiza-se primeiramente o Estudo de Impacto Ambiental (EIA) que foi aprovado pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). Segundo a reportagem, o estudo é um dos mais completos já realizados em uma obra dessa natureza no Brasil e demorou 4 anos para ser concluído, porém as obras que reparam esses impactos não foram concluídas. Algumas nem tinham saído do papel em 2013. Os índios reclamam que não foram suficientemente consultados. O governo expõe em número os resultados dessas consultas públicas, seminários, encontros e quantidade de pessoas envolvidas nessas audiências realizadas. Destaca-se que se o consórcio não cumprir o que foi determinado pelos estudos não terá licença para começar a operar. Contudo, há o indicativo de que se as obras de saneamento alcançarem 50% já poderá ser considerado satisfatório, pois não se quer que os sócios empreendedores do consórcio tenham prejuízos.

O capítulo três, **Sociedade**, é constituído por seis partes, sendo selecionada a seção *Armas brancas* para análise. Nela, o discurso produzido dá ênfase a uma sociedade estratificada, vítima dos interesses de grupos sociais hegemônicos. A seção *Armas brancas* narra a operação policial em um bairro pobre de Altamira, localizado próximo às margens alagadas e conhecido como “baixões da cidade”. A investida da polícia prende um homem que usava *crack* e tinha duas facas consigo. O episódio serve de contexto para se falar sobre o aumento da violência (roubos, furtos, mortes), chegada de quadrilhas, elevação do número de mortos em acidentes de trânsito e de prisões, entre outros assuntos.

O quarto capítulo, *Povos indígenas*, contém oito tópicos, sendo escolhida a seção *Lista de compras*. Essa parte constrói o discurso do índio como o retrato fatídico da aceitação, invertendo o papel do oprimido e do opressor. *Lista de compras* põe em destaque algumas práticas que surgiram com a mesada do Plano Emergencial (doações de dinheiro aos índios). Afirma que o plano estimulou a proliferação de aldeias e fez surgir as chamadas “listas de compras” solicitadas pelos índios. Depoimentos colhidos em entrevistas revelam que depois dessas listas a Funai não teve mais sossego para desenvolver seus trabalhos. A situação se complicou quando surgiram os relatos de índios isolados na região com problemas quanto às plantações, pois as roças começaram a desaparecer por conta das mudanças de hábitos alimentares, resultando em desnutrição. A reportagem cita a implantação do programa de melhoramento das aldeias que, sob o gerenciamento de uma empresa contratada e de um grupo de antropólogos para estudar os impactos sobre os povos indígenas, contudo há depoimentos que classificam como trágica a forma que o projeto foi executado.

O quinto capítulo, *História*, é constituído por cinco tópicos, sendo selecionado o último: *Declaração de guerra*. No plano geral, o capítulo corrobora com o discurso que alia o direito de decisão a quem detém os bens de produção. Assim, *Declaração de guerra* apresenta o desfecho para a consumação de Belo Monte. A seção tematiza a formação de um consórcio liderado pela estatal Chest com participação de construtoras pequenas e médias e outro capitaneado pela Andrade Gutierrez para disputarem o leilão de construção da usina de Belo Monte. A reportagem informa que o consórcio da Chest venceu a licitação, oferecendo desconto de 6%, contra 4% da Gutierrez, sobre o preço máximo determinado pelo Governo Federal.

DISCURSO E RELAÇÕES DE PODER ASSIMÉTRICAS NA ANÁLISE DA REPORTAGEM A BATALHA DE BELO MONTE

Para tornar um pouco mais compreensível esta análise, optou-se por organizar os dados dispondo-os em uma tabela elaborada com as seguintes seções: **discurso** (identifica-se o discurso que a reportagem constrói); **Capítulo** (registra-se o número e o nome do capítulo a ser analisado); **ord.** (é responsável por indicar a **ordem** da subseção que será analisada); **subseções** (identifica o título da subseção em que os dados foram coletados); **palavras e/ou expressões** (está dividida em dois tópicos: **se questiona** e **se corrobora**. Em cada uma dessas divisões será possível identificar/escrever palavras e/ou expressões que questionam ou corroboram com o **discurso** identificado para análise que foi escrito na primeira linha da tabela. Cada uma das subseções exigirá a identificação/menção desses elementos. Quando

apenas uma palavra for suficiente para construir um sentido, apenas ela será coletada da reportagem, porém, quando isso não for possível, coletar-se-á o maior número de termos possíveis, formando uma expressão mais significativa para ser analisada); **exemplo: discurso/enunciado** (neste espaço será registrado um trecho que corrobora ou questiona o discurso que está identificado. Selecionou-se um trecho em que é possível identificar ambos). Todas essas categorias, em conjunto, servirão de base para coleta e geração de dados para serem analisados. Tais procedimentos resultaram nas análises a seguir.

ENTRE ALTOS E BAIXOS

O relato inicial das explosões registrado no primeiro capítulo, *Obra*, dá o tom das construções em Belo Monte. As atividades continuam, mesmo depois de terem registrado, por várias vezes, momentos de interrupção, seja por conta de ações na justiça, greves dos trabalhadores ou ocupações indígenas.

Em *Um projeto de R\$ 30 bilhões*⁷ identifica-se uma parcela maior de palavras e/ou expressões que corroboram com o sentido do discurso apontado no quadro, isto é, para manutenção do lucro acima de quaisquer relações de natureza política, social ou ecológica. Convém destacar que, neste caso específico, as práticas sociais da linguagem jornalística apontam para a preservação do discurso capitalista. É perceptível que a argumentação jornalística gasta mais de sua persuasão ampliando elementos que prolongam, de forma positiva, o discurso dominante. Os dados estão apresentados na tabela a seguir:

Quadro 1: Em defesa do discurso capitalista de degradação ecológica para geração de lucro

Discurso: i) o discurso de uma obra colossal que deve cumprir prazos para a geração de lucro, independentemente de entraves de naturezas políticas, sociais ou ecológicos.				
Capítulo 1: Obra				
Ord	Subseções	Palavras e/ou Expressões		Exemplo: Discurso/Enunciado
		Se questiona ↑	Se Corrobora ↓	
1ª.	<i>Um projeto de R\$ 30 bilhões</i> (FOLHA DE SÃO PAULO, 2013, p. 1)	e também uma das mais controversas; se pudesse funcionar a toda carga o ano inteiro; mas isso só tem chance de ocorrer em quatro meses do ano; só poderá ser alcançado entre fevereiro e maio; nos outros meses as turbinas	explosão; arranca; que já foi a morada de árvores centenárias; resta uma montanha de fragmentos; à meia noite, nem um pedregulho estará mais ali; cinco levantamentos; em menos de três minutos; enchem uma carreta com 32 toneladas de pedras; sai um caminhão encosta outro; em 20 minutos, partem 18 caçambas cheias; não há um segundo de descanso; ritmo frenético; homens e	“O ritmo frenético de homens e máquinas marca a construção de um canal de 20 km de comprimento, para dar passagem aos 14 milhões de litros de água por segundo desviados do rio Xingu – vazão quase 530 vezes maior que a do canal principal de transposição do São

⁷ A subseção e a reportagem completa podem ser encontradas no seguinte endereço eletrônico: <http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/?cmpid=menulate>.

		serão progressivamente desligadas; entre altos e baixos, espera-se; mas isso vai atrasar uns três meses. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2013, p. 1)	máquinas marca a construção; vazão quase 530 vezes maior que o canal principal de transposição do São Francisco; terceira maior hidrelétrica do mundo; para iluminar as casas de pelo menos 18 milhões de pessoas e ficar atrás só da hidrelétrica chinesa Três Gargantas e da uruguaio-brasileira Itaipu; o Brasil precisa acrescentar 6.350 MW anuais; carga [...] de que o país vai precisar; para começar a gerar tudo tem de estar concluído; precisa começar a produzir energia em fevereiro de 2015; nada pode atrasar; antecipar a montagem das turbinas principais; todas estejam em operação antes do prazo contratual; domar as águas dos igarapés; completar, ainda em dezembro, a ensecadeira; fervilha 24 horas por dia. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2013, p. 1)	Francisco – que vão movimentar as turbinas da terceira maior hidrelétrica do mundo, e também uma das mais controversas: Belo Monte, da empresa Norte Energia ” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2013, p. 1)
--	--	---	---	--

Fonte: Elaboração do autor.

No trecho utilizado como exemplo, é possível identificar que as expressões “*ritmo frenético; homens e máquinas marca a construção; vazão quase 530 vezes maior que o canal principal de transposição do São Francisco; terceira maior hidrelétrica do mundo*” corroboram para que o discurso colossal da obra justifique a ação capitalista de degradação ambiental para produção de energia. O que também convém notar é a extensão da frase. A maior parte se concentra em estender o argumento positivo em favor da implantação da usina. Somente a parte final do período (destacado no quadro) se arrisca em expor um questionamento, ainda que de forma vaga, valendo-se da palavra “**controversas**” – um substantivo que não contextualiza nem sua própria contradição.

Mesmo que, nesta subseção do capítulo 1, haja exposição de que a obra só atingirá seu ápice de produção durante quatro meses do ano, conforme: “**Se pudesse funcionar a toda carga o ano inteiro, Belo Monte garantiria quase um quinto da eletricidade adicional de que o país vai precisar, mas isso só tem chance de ocorrer em quatro meses do ano**” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2013, p. 1), ainda assim o discurso da degradação do ecossistema de Belo Monte sobressai ao de preservação ambiental.

Embora na última citação da reportagem, possa-se dizer que os núcleos de significado das palavras e/ou expressões sejam questionadores, apontando para mudanças sociais no discurso, como se vê em: *se pudesse funcionar a toda carga o ano inteiro; mas isso só tem chance de ocorrer em quatro meses do ano*”, ainda assim, seu valor é construído com o sentido positivo. A reportagem converte relações discursivas de *possibilidade e condição* em

fatores otimistas. Esquece-se o valor condicional da conjunção “*se*”; da incerteza provocada pelo pretérito imperfeito do subjuntivo na conjugação do verbo em “*pudesse*”; da necessidade de realização de um fato certo no passado para poder efetivá-lo no futuro, sendo esse o valor associado ao verbo “*garantiria*”, conjugado no futuro do pretérito; e também do sentido de *exclusão* construído pelo advérbio “*só*”, todos esses sentidos de linguagem são descartados para manutenção do discurso dominante. Não são somente essas palavras e/ou expressões que sofrem essa positivação no texto. Outras que identificamos no quadro como questionadoras, dentro dos contextos em que foram empregados na reportagem, possuem duplo sentido, podendo agir para mudança ou manutenção das práticas, como, por exemplo: *entre altos e baixos, espera-se* no seguinte contexto: “Entre altos e baixos, espera-se que Belo Monte garanta uma média de 4.751 MW” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2013, p. 1). Essa prática discursiva age em favor da ideologia hegemônica.

LONGE DE SER

Os discursos para manutenção do poder estão sempre afinados. Precisam manter coerência, sobretudo na esfera pública, espaço social de intensa propagação de discursos na modernidade tardia. Embora haja um consenso mundial em defesa do ecossistema, com muitos documentos assinados por vários presidentes, o fato é que quando se tem que decidir entre o *capital financeiro* e o *meio ambiente*, o discurso ecológico perde espaço, sobretudo quando apontam para interesses de ordem política.

Em *Ambiente*, os aspectos sociais do discurso e relações assimétricas de poder serão tencionados quando os interesses políticos e sociais se sobressaem aos ambientais. Pode-se observar que as palavras e/ou expressões que questionam estão quase na mesma proporção com as que corroboram com o discurso identificado na subseção 2, contudo a relação ainda é desigual. Nota-se que o discurso da mídia quando fala sobre o ambiente está mais alinhado ao discurso de construção da usina do que de práticas discursivas contrárias. O quadro a seguir apresenta os dados da segunda subseção do capítulo 2:

Quadro 2: Sobreposição dos interesses políticos e sociais sobre os ambientais

Discurso: ii) os interesses políticos e sociais se sobrepõem aos ambientais				
Capítulo 2: Ambiente				
Ord	Subseções	Palavras e/ou Expressões		Exemplo: Discurso/Enunciado
		Se questiona ↑	Se Corrobora ↓	
2ª.	<i>Catarata de problemas</i> (FOLHA DE SÃO PAULO,	estão longe de ser o único obstáculo; sugere uma preocupação exclusiva com o ambiente natural; mas o estudo inclui; quase	locarídeos e seus pedrais; longe de ser o único obstáculo; o Estudo de Impacto Ambiental; aprovado em 2010 pelo Ibama; sugere uma preocupação exclusiva com o	A lista de condições – “condicionantes”, no jargão socioambiental – estabelecida pelo Ibama para dar licença de

	2013, p. 2)	todas as mazelas; e, como seria de esperar, problemático; se queixam de não terem sido suficientemente consultados; ausência de consulta adequada a todos os povos indígenas; razões alegadas; duas dezenas de ações que o Ministério Público Federal move contra Belo Monte; em relatório de vistoria em julho; “descompasso” poderá atrasar a licença de operação da usina; se ela não for concedida até dezembro, a empresa não poderá fechar a barragem de Pimental e começar a gerar energia em meados de 2015; terá prejuízo se a obra atrasar; mas não divulga seus relatórios, sob alegação de sigilo comercial; no próprio Ibama; alcançar 50% de saneamento básico [...] pode ser considerado satisfatório; isso apesar de o corpo d’água que banha a cidade e recebe os dejetos [...] deixar de ser um rio corrente para se tornar um reservatório. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2013, p. 2)	ambiente natural; inclui também todos os impactos sociais; o modo de vida dos índios; saneamento básico em Altamira; reassentamento de quem vivia em palafitas; impacto da explosão populacional nas cidades, mazelas passadas e presentes pedem solução; Projeto Básico Ambiental; famigerado PBA, ele de proporções amazônicas; dezenas de programas; duração de mais de três décadas; mais de R\$ 4 bilhões; lista de condições ambientais – estabelecida pelo Ibama; ocupa nove páginas; tem 40 itens; construção de escolas e postos de saúde; instalação de redes de água e esgoto; monitoramento da qualidade da água; um sistema de transposição de barcos; nunca um empreendedor teve de se ocupar com um programa de mitigação tão ambicioso; índios, ribeirinhos e moradores se queixam de não terem sido suficientemente consultados; o governo federal responde dizendo que realizou 142 eventos; quatro audiências públicas; reuniram 6.000 pessoas; ninguém espera que a diretoria do Ibama dê esse passo; o consórcio Norte Energia é quase todo estatal; BNDES se tornou um sócio, contratou uma auditoria socioambiental para monitorar o cumprimento das preocupações. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2013, p. 2)	operação da usina até o final de 2014 ocupa nove páginas. Tem 40 itens, da construção de escolas e postos de saúde à instalação de redes de água e esgoto em Altamira e Vitória do Xingu, do monitoramento da qualidade de água e das populações de peixes ao detalhamento de um sistema de transposição de barcos no barramento de Pimental. Nunca na história de construção de barragens no Brasil um empreendedor teve de se ocupar com um programa de mitigação tão ambicioso e, como seria de esperar, problemático (FOLHA DE SÃO PAULO, 2013, p. 2)
--	-------------	--	---	---

Fonte: Elaboração do autor.

*Cataratas de problemas*⁸, talvez por conta de sua temática, *os problemas*, apresenta um número quase idêntico de palavras e/ou expressões questionadoras que as corroboradoras (quadro 2). Por conter uma abordagem que tendência para práticas de contestação discursiva e que apresenta os entraves polêmicos e pontos críticos da construção da usina de Belo Monte, os dados coletados da segunda subseção são representativos de um discurso da divergência de ideias e debate de opiniões. O trecho selecionado para análise, exemplificado no quadro, mostra uma contestação branda, uma controvérsia sem o aprofundamento da problemática elencada no título da subseção. Os problemas de implantação da usina de Belo Monte são citados, mas não são contestados.

⁸ A reportagem pode ser encontrada em: <http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/capitulo-2-ambiente.html>

No exemplo do quadro, agem como expressões corroboradoras as seguintes: *lista de condições ambientais – estabelecida pelo Ibama; ocupa nove páginas; tem 40 itens; construção de escolas e postos de saúde; instalação de redes de água e esgoto; monitoramento da qualidade da água; um sistema de transposição de barcos; nunca um empreendedor teve de se ocupar com um programa de mitigação tão ambicioso*; e como expressões questionadoras: *e, como seria de esperar, problemático*. Esta última também pode ser lida como conformadora, como se verá adiante. Note-se que a maior parte da citação é construída em favor do discurso de que a lista de condições estabelecida pelo Ibama ocupa nove páginas, como se o fato de ocupar nove páginas implicasse por si só em garantir legitimidade ao processo de construção da barragem, já que consta no projeto e isso automaticamente já daria à construtora o direito de levar a obra adiante. A reportagem cita os 40 itens elencados pelo Ibama, fazendo uma projeção gradativa (positiva) aos benefícios sociais contemplados pelo projeto, como se a presença dos itens na lista resolvesse os problemas vividos pelos moradores de Altamira e região, problemas esses que podem ter se intensificado ainda mais a partir da construção da obra.

No último período da citação podemos identificar a ocorrência da prática jornalística de *autoconvencimento*. Ela age da seguinte maneira: a reportagem se convence do que está publicando (e se está publicado é porque é verdade!), induzindo o leitor ao mesmo comportamento (o autoconvencimento). Essa prática de linguagem não é tão-somente a mera construção de um discurso que pode ser negado pela audiência, mas uma ação pela linguagem que direciona textualmente o leitor a adotar o mesmo posicionamento e agir da mesma forma que o produtor do discurso na esfera pública, ou seja, essa prática não se limita apenas ao nível do texto, sua projeção é psíquica. Sendo assim, ela extrapola a materialidade textual e alcança o plano psíquico do leitor, agindo para que ele aceite, com irrevogável fatalismo, novas situações da mesma natureza, por exemplo, que passe a ser mais compreensível com os problemas sociais surgidos devido a implantação de barragens.

Na passagem “*Nunca na história de construção de barragens no Brasil um empreendedor teve de se ocupar com um programa de mitigação tão ambicioso*” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2013, p. 2) a reportagem se autoconvence de que pelo fato de não ter ocorrido um programa de mitigação em barragens tão criterioso/descritivo como o implantado em Belo Monte, tenha-se que se contentar com o programa que está sendo realizado, afinal, o empreendedor *nunca* teve de se preocupar com isso e, agora que tem, é natural que problemas possam ocorrer; contudo, ainda seria natural não solucioná-los, visto que a reportagem descreve vários outros? Ou seria mais uma vez a tentativa de reforçar o discurso de que *é*

assim, porque é assim que funciona? Ao que fica parecendo é que a reportagem age em defesa do empreendedor e do discurso do dominante, afinal ele “nunca teve de se ocupar com um programa de mitigação tão ambicioso” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2013, p. 2). A ideia de naturalização é robustecida pelo comentário expresso entre as vírgulas: “como seria de esperar”. Essa intervenção de linguagem é usada para reforçar as convicções de quem escreve o discurso.

Este trabalho defende que há a naturalização das práticas de aceitação do discurso capitalista, principalmente sob a perspectiva do empreendedor, encarregado de levar o progresso com a criação de empregos, mesmo que a duras penas para alguns setores da sociedade e do ambiente. É esta também a concepção que os dados apontam para a reportagem.

OS “BAIXÕES” DO ESTEREÓTIPO E AS ASSIMETRIAS DO PODER

O discurso da prosperidade e do progresso atraem multidões em busca de emprego e de uma vida mais estabilizada. Quando as pessoas se informam sobre a construção de grandes obras, projetam nelas o sonho de realização pessoal, profissional e financeira. Porém, nem todas conseguem conquistar tais objetivos, não possuem a qualificação que o mercado requer para ocupar cargos e empregos no setor industrial ou da construção civil e acabam tendo que viver em um novo lugar, sem renda e sem perspectivas. Essa migração acaba superpovoando as cidades, criando áreas urbanas sem planejamento e sem a infraestrutura adequada. Esse é o contexto que o Capítulo 3, *Sociedade*, apresenta: uma sociedade estratificada. No quadro a seguir, estão organizados os dados da subseção 3:

Quadro 3: Ordem e Progresso

Discurso: iii) a imagem de uma sociedade estratificada, vítima do interesse de grupos sociais hegemônicos.				
Capítulo 3: Sociedade				
Ord	Subseções	Palavras e/ou Expressões		Exemplo: Discurso/Enunciado
		Se questiona ↑	Se Corrobora ↓	
3ª.	<i>Armas brancas</i> (FOLHA DE SÃO PAULO, 2013, p. 3)	a única delegacia conta com 17 funcionários; “Houve [também um grande aumento de furtos e roubos, numa proporção de 30% a 40%”]; ano em que começou a obra de Belo Monte; outro problema que se agrava são as mortes em acidentes de trânsito; a malha viária permaneceu a	a guarnição de três policiais; impõe respeito; uniformes negros, submetralhadoras e a picape Amarok; “Não saio com esta viatura e este equipamento [...] pra passear”; o grupo rumo para uma dos “baixões” da cidade, margens alagáveis dos igarapés em que se concentram as batidas policiais; PMs detêm um homem; “Já puxou nove anos [...] e saiu”; os soldados encontraram duas facas e um cachimbo de <i>crack</i> ; decidem levar pra delegacia; os militares revistam o barraco defronte; entra e sai de policiais e repórteres; delegacia da cidade;	Em 2011, ano em que começou a obra de Belo Monte, a polícia prendeu 22 traficantes. Só nos primeiros cinco meses de 2013 foram 104, a maioria por porte de <i>crack</i> . O número de adolescentes apreendidos saltou 196% nos cinco primeiros meses de 2013, em comparação com o mesmo período de 2012.

	mesma; as calçadas são poucas, a poeira é muita; hoje são três ou quatro [óbitos] por mês ⁹ (FOLHA DE SÃO PAULO, 2013, p. 3)	número de detenções por lesão corporal aumentou; em 2011 [...] a polícia prendeu 22 traficantes; nos primeiros 5 meses de 2013 foram 104; o número de adolescentes apreendidos saltou de 196% nos cinco primeiros meses de 2013; da frota de veículos ter aumentado em três anos; “Antigamente havia quatro óbitos por ano” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2013, p. 3)	
--	---	--	--

Fonte: Elaboração do autor.

*Armas brancas*¹⁰ reporta uma operação policial realizada num bairro pobre de Altamira. O texto é conduzido por práticas de intimidação que têm na personalização da polícia a representação da lei e da ordem. Esse discurso é reiterado pela subseção da reportagem, que isenta a polícia de qualquer abuso de poder. A narrativa descreve *práticas de intimidação policial*. Nas práticas do texto, é possível identificar ideologias dominantes de que *o bandido se esconde na zona pobre*, criminalizando tanto o pobre quanto a pobreza. Se o tratamento dado aos policiais omitiu o histórico sombrio da polícia, porque deve-se expor a pobreza como fonte da criminalidade? O que se ganha com isso? Não seria esse posicionamento, uma escolha para narrar o acontecimento? No texto dessa subseção é possível verificar, conforme exemplo do quadro, que a maior parte das palavras e/ou expressões utilizadas corroboram com o discurso identificado *a priori*. Nos dois parágrafos que iniciam a narração e que descrevem a ação policial não possuem nenhuma expressão de questionamento, sendo todas positivas e corroboradoras do discurso dominante, conforme dados apresentados.

A investida policial nesse bairro pobre revela muito acerca das relações de poder e de forças, principalmente quanto às suas assimetrias. Para entrar na casa de poderosos a polícia sempre se vale de mandados de busca, apreensão etc. Contudo, em nenhum momento desta seção, nem do capítulo inteiro, foi citado que os policiais portavam documentos como esse para invadir a casa das pessoas. O tratamento diferenciado dado a um em relação ao outro mostra o quanto cada cidadão vale diante da lei, principalmente se a distinção for entre pobres e ricos, afinal a pobreza não é uma virtude em um país tão desigual quanto o Brasil, onde até em uma prática social quanto a narração de um acontecimento possa-se perceber as desigualdades de forma tão latente e escancarada.

A reportagem destaca o aumento da criminalidade na região devido à implantação das obras de Belo Monte. Ela atraiu muitas pessoas, mas nem todos foram para a região na

⁹ Algumas dessas expressões também podem contribuir para práticas corroborativas.

¹⁰ O texto completo pode ser lido em: <http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/capitulo-3-sociedade.html>

intenção de trabalhar, conforme pode ser entendido na passagem do texto usada como exemplo no quadro. Os dados quantitativos podem ser considerados uma prática discursiva para o questionamento, justamente porque põem em pauta a ineficiência de investimentos públicos que garantam mais igualdade e inclusão sociais. Outras partes que foram identificadas como questionadoras, podem também reforçar discursos dominantes e que é preciso estar atento a elas. Vale lembrar também que, conforme discutido em outro ponto do trabalho, as obras sociais que a hidrelétrica deveria implementar não foram concluídas, contribuindo para a estratificação social e aumento da desigualdade. Nesta seção, não se verifica a cobrança, por parte da reportagem, de investigações quanto ao dinheiro que deveria ser investido nos projetos sociais financiados pela usina de Belo Monte, restando apenas ao pobre o direito de ser questionado por sua (des)honestidade, por isso, é importante observar o discurso dominante que fica implícito tanto na atitude policial quanto nas entrelinhas da reportagem.

OPRIMIDO OU OPRESSOR?

Ainda vai levar tempo para que o Brasil promova práticas verdadeiramente inclusivas para os povos indígenas. Tendo seus direitos ceifados desde a colonização do país, os índios estão cada dia mais desprovidos de assistências jurídicas efetivas. Embora muitas leis tenham sido criadas para defender os interesses desses povos, demarcando seus territórios e zelando por seu bem-estar, na prática, o que se percebe é o abandono que eles sofrem do Estado na garantia de seus direitos constitucionais. Os índios estão sempre lutando por garantias que não vêm. O quarto Capítulo de *A batalha de Belo Monte, Povos indígenas*, mostra o combate dos índios com setores que, incansavelmente, em nome do progresso do Brasil, têm construído empreendimentos em zonas que abrangem demarcações indígenas ou, quando não, utilizam os recursos naturais que passam por suas terras, interferindo em seus modos de vida e sua cultura, tendo os índios que se adaptarem aos projetos numa relação de força de cima pra baixo.

A subseção, *Lista de compras*¹¹, traz à tona a imagem do índio como o retrato fatídico da aceitação, invertendo o discurso do oprimido e do opressor. O quadro a seguir contém os dados que foram coletados da reportagem.

¹¹ A reportagem completa pode ser acessada em: <http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/capitulo-4-povos-indigenas.html>

Quadro 4: Relações de força

Discurso: iv) a imagem do índio como o retrato fatídico da aceitação, invertendo, às vezes, o discurso do oprimido e do opressor				
Capítulo 4: Povos indígenas				
Ord	Subseções	Palavras e/ou Expressões		Exemplo: Discurso/Enunciado
		Se questiona ↑	Se Corrobora ↓	
4ª.	<i>Lista de compras</i> (FOLHA DE SÃO PAULO, 2013, p. 4)	a mesada; além de estimular a proliferação de aldeias; agora são seis; originou as chamadas “listas de compras”; de motores de popa a iogurte; de rádios a cama box; “apareceu um caminhão de índio”; desandou nossa estrutura; não tinha mais sossego; um caos; tudo depende da Norte Energia; complicar a situação; surgiram relatos de índios isolados na região; conta com apenas sete pessoas; está soterrada em burocracia; implicou o distanciamento de um funcionário por pelo menos uma semana; roças de mandioca começaram a desaparecer; as casas de farinha nem chegavam a ser construídas; a mudança dos hábitos alimentares; gêneros adquiridos na cidade; desnutrição aumentou; o Plano Emergencial foi suspenso; “Falei com os xicrins: vocês estão se transformando em pessoas dependentes, como cadeirantes; Foi uma reunião tensa”; enquanto não deslanchava o PBA; Funai e Norte Energia não tem competência; relata ter visto fardos de arroz e feijão das listas de compras usados como degraus em barrancos de rio nas aldeias; apesar dos pesares (FOLHA DE SÃO PAULO, 2013, p. 4)	Plano Emergencial; aldeia havia duas; sossego; Frente de Proteção Etnoambiental do Médio Xingu; expedição para verificar os relatos; nas aldeias antigas [...] nas novas; o geólogo P.B. está no comando da tentativa de obter um armistício e pôr nos trilhos o programa de melhoramento das aldeias; mas eles entenderam, Norte Energia assumiu outras obras civis previstas no PBA indígena; pistas de pouso; saneamento; atracadouros; estradas; poços artesianos; postos de saúde; escolas; a maioria dos programas em que se desdobra o plano será gerenciada por uma empresa contratada [...] chefiado por antropólogos encarregados de estudar os impactos sobre as populações indígenas; administrador de empresas que enxerga méritos no Plano Emergencial; “A ideia era fortalecer a Funai para cuidar do impacto; [...] só dinheiro”; “o processo de Belo Monte [...] é uma mudança de águas”; ao ineditismo do PBA indígena (FOLHA DE SÃO PAULO, 2013, p. 4)	A mesada do Plano Emergencial, além de estimular a proliferação de aldeias (havia duas dos arauetés, agora são seis), originou as chamadas “listas de compras”, que incluíam de motores de popa a iogurte, de rádios a cama box. “Apareceu um caminhão de índio”, conta Elza Xipaía, coordenadora técnica da Funai que ficou encarregada de administrar listas. “Desandou nossa estrutura, não tinha mais sossego. Hoje a Funai está aí, um caos. Tudo depende da Norte Energia” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2013, p. 4)

Fonte: Elaboração do autor.

Embora o quadro mostre que o número de palavras e/ou expressões que corroboram e questionam o discurso dominante seja quase o mesmo, a seleção de dados para a análise desta subseção deve ser reexplicada. Com mais frequência danosa que nas subseções anteriormente analisadas, neste ponto da pesquisa foi possível identificar uma prática de *inversão de papéis sociais* entre as partes envolvidas na questão-problema: as listas de compras. A inversão de papéis sociais alterou a imagem do opressor e do oprimido, reconstruindo a imagem dos índios e do empreendedor na esfera pública, por exemplo.

Nota-se claramente que o índio pode ser identificado como um aproveitador, quiçá um chantagista dos órgãos do governo e dos empresários, para receber benefícios em dinheiro ou

recursos sem merecê-los. Portanto, quase todas as expressões que foram elencadas pertencentes às práticas que questionariam o discurso dominante, na verdade, são utilizadas pela reportagem para reforçar o argumento de que os índios são exploradores. Se tomarmos por exemplo a citação retirada da reportagem (vide quadro) as palavras e/ou expressões: *a mesada; além de estimular a proliferação de aldeias; agora são seis; originou as chamadas “listas de compras”; de motores de popa a iogurte; de rádios a cama box; “apareceu um caminhão de índio”; desandou nossa estrutura; não tinha mais sossego; um caos; tudo depende da Norte Energia*” não possuem um sentido positivo, porém, são construídas, ao que se denota, com o olhar preconceituoso do colonizador, que transforma sua vítima em opressor.

A dita “mesada” que os índios recebiam foi classificada como “estimuladora de proliferação de aldeias”, porque “antes havia duas” e depois passou a “seis”. Resignificando o termo mesada, pode-se defender que os índios merecem recebê-la porque suas práticas sociais foram alteradas em razão da construção da usina, principalmente se se levar em conta os projetos implantados pela empresa como paliativos dos danos causados àquela sociedade como um todo. De acordo com o texto da reportagem, surgiu o que foi classificado por “listas de compras”, que incluíam “de motores de popa a iogurte”, “de rádios a cama box”. Construções discursivas usadas para desconstruir a imagem do índio no contexto social.

O que dizer de tudo isso? Que houve não só uma ressignificação de práticas sociais discursiva como também uma ação de linguagem que inverte papéis sociais na intenção de defender o discurso dominante, constituindo relações de poder fundamentadas no princípio de exclusão. Se tais práticas se tornarem comuns na esfera pública, passar-se-á à perseguição de todos aqueles que se posicionarão contra o discurso opressor e dominante. Depois da conquista de tantos direitos, não se pode, de uma hora pra outra, desvincular os papéis sociais sem se considerar o processo histórico de constituição dos sujeitos. Quando isso ocorre, opta-se pelo discurso hegemônico, opressor e dominante, no qual há, ainda, o objetivo de explorar e dominar.

AO VENCEDOR OS LOUROS DOS LUCROS

Depois de 35 anos de investimentos em um projeto, não seria essa a primeira vez que o setor capitalista desistiria de um tão facilmente. O desfecho da reportagem *A batalha de Belo Monte* é cíclico. Ele retoma o contexto do evento que decidiu quem seria o financiador das obras da usina hidrelétrica de Belo Monte: o leilão dos descontos. Pela regra, o Governo Federal estimou que o valor de R\$ 83 reais por MWh produzido, seria suficiente para cobrir

todos os custos com a construção da obra e ainda gerar lucros, então venceria o leilão quem oferecesse maior desconto sobre o valor dessa tarifa.

O quinto e último capítulo, *História*, narra os acontecimentos mais relevantes para a criação do projeto de Belo Monte. Em cada um deles, havia muito desejo do empresariado pela aprovação da obra. Eles e o Governo sempre foram os maiores interessados na viabilidade da construção de Belo Monte. Nesta parte, identificaremos o discurso que alia o direito de decisão a quem detém o poder sobre os bens de produção. A subseção *Declaração de guerra*¹² apresenta práticas sociais de uso da linguagem que orientam para essa conclusão. Os dados podem ser observados na tabela a seguir:

Quadro 5: leilão de descontos

Discurso: v) o discurso que alia o direito de decisão a quem detém o poder sobre os bens de produção				
Capítulo 5: História				
Ord	Subseções	Palavras e/ou Expressões		Exemplo: Discurso/Enunciado
		Se questiona ↑	Se Corroborar ↓	
5ª.	<i>Declaração de guerra</i> (FOLHA DE SÃO PAULO, 2013, p. 5)	Polêmicas, teria sido péssimo; sem concorrência; Batalha de Belo Monte; Andrade Gutierrez deu seu lance no leilão; desconto baixo; apenas 4% (FOLHA DE SÃO PAULO, 2013, p. 5)	35 anos de estudos [...] para o governo federal conceder seu maior projeto de energia; entraram então em campo dois soldados do Planalto; representantes diretos de duas figuras fortes da República; formação de um consórcio; capitaneado pela estatal Chesf; com a participação de construtoras pequenas e médias; o consórcio paraestatal da Chesf ofereceu maior desconto; (6%); saiu vencedor (FOLHA DE SÃO PAULO, 2013, p. 5)	Após 35 anos de estudos e polêmicas, teria sido péssimo para o governo federal conceder seu maior projeto de energia sem concorrência. Entraram então em campo dois soldados do Planalto: Valter Cardeal e Adhemar Palocci. Eram os representantes diretos de duas figuras fortes da República: Dilma Rousseff, já ministra da Casa Civil e candidata à Presidência, e Antônio Palocci, ex-ministro da Fazenda, deputado federal, coordenador da campanha da futura presidente e irmão de Adhemar (FOLHA DE SÃO PAULO, 2013, p. 5)

Fonte: Elaboração do autor.

O texto dessa subseção possui apenas dois parágrafos e encerra não só este capítulo, mas também toda a reportagem. Pode-se perceber que as palavras e/ou expressões que questionam o discurso dominante são poucas se comparadas às que corroboram. A reportagem avalia que, depois de tanto tempo de estudos e polêmicas sobre a viabilidade de implantação da usina de Belo Monte, seria trágico para o Governo que o projeto não tivesse nenhuma concorrência para leilão. Foi então que entraram em cena dois representantes do Planalto, ligados a Dilma Rousseff e a Antônio Palocci. Foi o suficiente para que encontrassem, juntos, uma solução para a hidrelétrica, conforme pode ser constatado no trecho selecionado da reportagem citada.

¹² A íntegra deste capítulo pode ser lida em: <http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/capitulo-5-historia.html>.

As respectivas expressões que corroboram para o discurso de decisão a quem detém o poder sobre os bens de produção só reafirmam essa conclusão na reportagem, afinal, são os políticos e os empresários os que, no fim, acabaram decidindo as regras do jogo e foram os grandes vencedores do leilão. As expressões que questionam o discurso hegemônico são representadas por: “*polêmicas, teria sido péssimo; sem concorrência*”, pois se elas produzissem algum resultado sobre as práticas corroboradoras, certamente o discurso de decisão não estaria ligado a quem detivesse o poder sobre os bens de produção, mas isso não ocorreu. Ao fim, talvez a reflexão de todo o processo que a reportagem possibilita é que: uns lucrarão com os recursos financeiros advindos da venda de energia elétrica, outros lucrarão com os louros do projeto, cada um a seu modo, todos serão beneficiados e terão sua parcela de cotas sobre a obra. Uma boa ideologia? Cabe ao leitor avaliar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas análises sobre as práticas sociais possibilitaram o apuro do senso crítico e teórico. Na visão de autores como Chouliaraki e Fairclough (1999), são fundamentos norteadores de práticas sociais de resistência e luta contra os discursos sociais hegemônicos. Elas denunciam relações de poder e discursos de dominação social, orientando para processos de reflexões mais profundos, sobretudo, processos e interações sociais que têm a linguagem como foco e objeto de estudo.

Para discutir essas questões, este trabalho investigou os aspectos sociais da linguagem jornalística quando, na intenção de informar sobre *conflitos na construção de barragens*, constrói discursos assimétricos e relações de poder no espaço público, trabalhando no sentido da reorganização dos espaços, representações sociais e conformação dos processos de mudança social em favor do capitalismo contemporâneo e do discurso dominante, conforme ficou explícito durante as análises. Nesse sentido, é possível afirmar que o jornalismo vem desempenhando práticas que operam em favor do Novo Capitalismo quando noticia conflitos sociais na construção de barragens, em favor da manutenção do poder de grupos dominantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity**: rethinking critical discourse analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

COSTA, Lucas Piter Alves. A ADC Faircloughiana: concepções e reflexões. In. **Linguagem**. V.20. out. - dez. 2012. Disponível em: <

<http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao20/ensaios/003.pdf>>. Acesso em: 06 set. 2016.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. **Contestar**. 2016. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/contestar/>>. Acesso em: 06 set. 2016.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

FOLHA DE SÃO PAULO. **A batalha de Belo Monte**: Obra. Capítulo 1. Disponível em <<http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/?cmpid=menulate>>. Acesso em 06 set. 2016.

_____. **Ambiente**. Capítulo 2. Disponível em <<http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/capitulo-2-ambiente.html>>. Acesso em 06 set. 2016.

_____. **Sociedade**. Capítulo 3. Disponível em <<http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/capitulo-3-sociedade.html>>. Acesso em 06 set. 2016.

_____. **Povos Indígenas**. Capítulo 4. Disponível em <<http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/capitulo-4-povos-indigenas.html>>. Acesso em 06 set. 2016.

_____. **História**. Capítulo 5. Disponível em <<http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/capitulo-5-historia.html>>. Acesso em 06 set. 2016.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

SIGNORINI, I. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em Linguística Aplicada. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda C. (Org.) **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade**. Campinas/SP: Mercado das Letras, 1998.

Enviado em: 28/07/2019

Aceito em: 05/09/2019